

É para mim um grande privilégio regressar ao Instituto Nexus; não é a minha primeira visita. Este instituto tornou-se num dos centros do diálogo europeu e transatlântico, um centro de discussão sobre questões que vão muito além do plano político, abrangendo questões filosóficas, estéticas, musicais ou artísticas. Este instituto tem hoje um lugar único no mapa da consciência europeia e fez de Tilburg um *lieu de la mémoire*, para usar uma poderosa expressão francesa corrente, mas também, e sobretudo, um espaço do futuro, um *lieu de l'avenir*. É um verdadeiro privilégio dar a décima Conferência Nexus.

\*

Os para-raios têm de estar ligadas à terra. Mesmo as ideias mais abstratas e especulativas têm de estar ancoradas na realidade, na substância das coisas. Que dizer, então, sobre “a ideia de Europa”?

A Europa é feita de cafetarias, de cafés. Estes estendem-se do café lisboeta preferido de Fernando Pessoa

aos cafés de Odessa frequentados pelos *gangsters* de Isaac Babel. Estendem-se dos cafés de Copenhaga, diante dos quais Kierkegaard passava durante as suas pensativas caminhadas, até aos balcões de Palermo. Não há cafés antigos nem característicos em Moscovo, que é já um subúrbio da Ásia. Muito poucos em Inglaterra, depois de uma breve moda durante o século XVIII. Nenhum na América do Norte, excetuando no entreposto francês que é Nova Orleães. Desenhe-se o mapa das cafetarias e teremos uma das marcas essenciais da “ideia de Europa”.

O café é um espaço para encontros amorosos e conspirações, para o debate intelectual e a bisbilhotice, para o *flâneur* e para o poeta ou o metafísico com o seu caderninho. Está aberto a todos, mas ao mesmo tempo é um clube, uma franco-maçonaria de reconhecimento político ou artístico-literário e de presença programática. Uma chávena de café, um copo de vinho, um chá com rum garantem um local onde trabalhar, sonhar, jogar xadrez ou simplesmente manter-se quente durante todo o dia. É o clube do espírito e a posta-restante do sem-abrigo. Na Milão de Stendhal, na Veneza de Casanova, na Paris de Baudelaire, o café dava guarida ao que houvesse de oposição política, de liberalismo clandestino. Na Viena imperial e de entre guerras, três cafés principais providenciavam a ágora, um ponto de eloquência e de rivalidade, de diferentes escolas estéticas e de economia política, de psicanálise e de filosofia. Quem quisesse encontrar-se com Freud ou Karl Kraus, Musil ou Carnap, sabia exatamente em que café procurá-los, a

que *Stammtisch* se devia sentar. Danton e Robespierre encontraram-se pela última vez no Procope. Quando as luzes se apagam na Europa, em agosto de 1914, Jaurès é assassinado num café. Num café de Genebra, Lenine escreve o seu tratado sobre o empiriocriticismo e joga xadrez com Trotsky.

Considere-se as diferenças ontológicas. Um *pub* inglês ou um bar irlandês têm a sua própria aura e mitologias. Que seria a literatura irlandesa sem os bares de Dublin? Em que outro local senão a Museum Tavern poderia o Dr. Watson conhecer Sherlock Holmes? Mas estes espaços não são cafés. Não têm tabuleiros de xadrez nem jornais de acesso gratuito para os clientes. Só muito recentemente o próprio consumo de café se tornou um hábito comum na Grã-Bretanha, e conserva o seu halo italiano. O bar americano desempenha um papel vital na literatura americana e em Eros, no icónico carisma de Scott Fitzgerald e de Humphrey Bogart. A história do *jazz* é inseparável dele. Mas o bar americano é um santuário de meia-luz, frequentemente de obscuridade. É um espaço vibrante de música, amiúde ensurdecadora. A sua sociologia e o seu tecido psicológico estão impregnados de sexualidade, da presença — desejada, sonhada ou efetiva — de mulheres. Ninguém escreve tratados de fenomenologia à mesa de um bar americano (cf. Sartre). As bebidas têm de ser renovadas, se o cliente quer continuar a ser bem-vindo. Há empregados encarregados de expulsar os indesejados. Cada uma destas características define um etos radicalmente diferente do do Café Central, do Deux Magots ou do

Florian. “Enquanto houver mendigos haverá mitologia”, disse Walter Benjamin, um fervoroso conhecedor e peregrino das cafetarias. Enquanto houver cafés, a “ideia de Europa” terá um conteúdo.

A Europa sempre foi *percorrida a pé*. Isto é um elemento essencial. A cartografia da Europa nasce das capacidades, dos horizontes perceptíveis, dos pés humanos. Os europeus, homens e mulheres, percorreram a pé os seus mapas, de lugar em lugar, de aldeia em aldeia, de cidade em cidade. Na maior parte dos casos as distâncias são a uma escala humana, podem ser vencidas por um viajante a pé, pelo peregrino de Compostela, pelo *promeneur*, seja este *solitaire* ou gregário. Há regiões áridas, ameaçadoras; há pântanos, os Alpes elevam-se. Mas nenhum destes obstáculos é intransponível. Não há Saharas, não há regiões áridas ou tundras infranqueáveis. Os desfiladeiros têm os seus abrigos tal como os jardins têm os seus bancos. Os *Holzwege* de Heidegger atravessavam a mais sombria das florestas. Na Europa não há um Vale da Morte, uma Amazónia, um sertão insuperável para o viajante.

Este facto determina uma relação seminal entre a humanidade europeia e a sua paisagem. Metaforicamente, mas também em termos materiais, essa paisagem tem sido moldada, humanizada, por pés e por mãos. Como em nenhuma outra parte do globo, as costas, os campos, as florestas, as colinas europeias, da Corunha a São Petersburgo, de Estocolmo a Messina, têm sido modeladas mais pelo tempo histórico-humano do que pelo tempo geológico. Manfredo senta-se na orla do glaciário. Cha-

teaubriand declama em promontórios rochosos. Os nossos campos, sob um manto de neve ou sob o dourado meio-dia de verão, são os mesmos que viram Bruegel ou Monet ou Van Gogh. Os bosques mais sombrios albergam ninfas ou fadas, ogres letrados ou pitorescos eremitas. O viajante parece nunca estar fora de alcance do sino da próxima aldeia. Desde tempos imemoriais, os rios tiveram vaus (*fords*), inclusive para bois (*oxes*), “oxfords”, e pontes para se dançar, como em Avinhão. As belezas da Europa são completamente inseparáveis da pátina do tempo humanizado.

Uma vez mais, a diferença em relação à América do Norte, já para não falar de grande parte de África e da Austrália, é radical. Uma pessoa não se desloca a pé entre uma vila americana e a seguinte. Os desertos do interior australiano, do sudoeste dos Estados Unidos, ou as “grandes florestas” dos estados americanos do Pacífico e do Alasca são virtualmente intransponíveis. A magnificência do Grand Canyon, dos pântanos da Florida, do Uluru na vastidão australiana é de uma dinâmica tectónica, geológica ameaçadora e quase sem relação com o homem. Daí a sensação, amiúde verbalizada pelos turistas do Novo Mundo ou do continente australiano na Europa, de que as paisagens europeias são ajardinadas e de que os seus horizontes sufocam. Daí a sensação de que os “grandes céus” americanos, sul-africanos ou australianos são desconhecidos na Europa. Para um olhar americano até as nuvens europeias podem parecer domesticadas. Estão repletas de divindades antigas, vestidas com trajas de Tiepolo.